

CÂMERA NA MÃO

A idéia já está na cabeça e foi até aprovada pela Embrafilme. É o filme "Tijipió", de Pedro de Castro

Marcílio Farias

Ele se diz, ironizando, um "cineasta de província". Usa o rótulo como uma crítica ao distanciamento frio e impessoal que sempre guiou as relações entre o eixo Rio-São Paulo e Brasília. Premiado diversas vezes pelos seus documentários inovadores e sobre temas até então inexplorados, Pedro Jorge Pinto de Castro, professor da Universidade de Brasília, premiado como melhor diretor e autor do melhor filme do último Festival de Brasília, do Cinema Brasileiro, acaba de ter o seu projeto "Tijipió" selecionado pela Embrafilme entre os 28 projetos que a empresa co-produzirá este ano. O filme, todo ambientado no Ceará (terra onde nasceu), é baseado na obra homônima de Hermes de Lima, recentemente falecido. Entre câmeras de TV e mesas de corte, na UnB, o Cineasta fala do seu projeto.

- Esse filme ser escolhido pela Embrafilme significa antes de qualquer coisa o reconhecimento pelo trabalho de nós todos, cineastas de província, marginalizados pelo eixo Rio-São Paulo. Não temos o acesso e as condições que os sulistas possuem, realizar qualquer trabalho aqui é algo muito penoso. Eu creio que este filme ajudará a atrair as atenções para a cidade, uma cidade que tem todas as condições humanas de entrar no mercado. Claro que eu também procurarei me satisfazer pessoalmente com esse trabalho, que me acompanha desde a infância. Foi o primeiro livro que eu li ou seja, ele existe em mim muito antes do meu caminho cinematográfico.

"Tijipió" foi o primeiro livro. E o primeiro exercício cinematográfico de Pedro Jorge quando, na Itália (onde foi estudar arquitetura e acabou fazendo e estudando cinema), a universidade lhe encomendou um tema livre, como tese de conclusão de curso. Uma cena de Tijipió, foi escolhida. E seu autor ganhou a nota máxima. O filme consolidou-se em 80 quando Pedro encontrou-se com Herman de Lima, alguns meses antes de sua morte. O romancista entusiasmou-se com a idéia. Após



LEONARDO COIMBRA

um ano de batalha, conseguiu os produtores iniciais. A Embrafilme topou o resto.

"Tijipió" é uma tragédia nordestina. A época é de seca e tome e nesse cenário o autor situa uma história de amor, ciúme e ódio. Na produção Pedro Jorge conseguiu reunir com a Embrafilme nada menos que a Universidade Federal do Ceará, uma empresa aérea, e um deputado federal (Paulo Lustosa), que, fascinado com a idéia dividiu o tempo dedicado aos projetos parlamentares com horários em que é produtor, dando apoio integral ao cineasta.

- O fundamental para mim é não explorar apenas a paisagem da seca. O básico em tudo é o conjunto, o atresco de relações sociais afetados pelo estado de carência, tema por sinal bem atual. Em dois momentos marcantes ouvem-se duas frases con-

tudentes. Numa ouvimos: "não reclame da seca porque ela também é para você". Noutra: "numa situação dessas qualquer um sucumbe e qualquer um explora". O que está em questão é o problema humano, antes de tudo.

Pedro Jorge é um cineasta pouco ortodoxo. Em seus filmes anteriores, foi criticado por "quebrar" alguns tabus cinematográficos, revertendo e subvertendo leis estéticas consideradas imutáveis. Em seu primeiro longa ele não pretende inovar tanto; nem se manter no puro conservadorismo acadêmico. Para ele a solução estética para um cinema autêntico é justamente o equilíbrio entre os "dois fogos".

- Grandes arquitetos quando encontram propostas inovadoras não se distanciam do arcabouço tradicional que as ge-

rou. Não negam o que foi feito, apenas inovam-no na medida em que o arremetem na direção de uma concepção, esta sim, nova. Não se pode desconhecer o conjunto de estilos, escolas, normas e regras que tornaram a linguagem de qualquer arte.

Essa inovação lembra Gláuber e sua frase famosa "uma idéia na cabeça e uma câmera na mão". Frase que Pedro Jorge critica, na medida em que, pare ele, foi mal interpretada.

- Podemos concordar com Gláuber na medida em que ele quis significar com sua frase o processo teórico-mecânico que é o cinema. A idéia no seu ver, seria o corpo teórico acumulado e reinventado pela inspiração, pela vontade, seja qual for o nome formal. A câmera seria a linguagem revitalizada, o aparato técnico que tem de dominar quase inconscientemente. A partir daí eu entendo o cinema e a frase de Gláuber. Agora não se pode entender sua sentença como uma apologia da improvisação.

Pedro Jorge entusiasma-se com o novo ritmo da Embrafilme. Para ele o concurso de projetos é uma solução viável. A co-produção amplia as possibilidades e diminui os riscos da empresa que até então investia sozinha nos projetos. Os critérios utilizados também sofreram modificações: a diversidade de temas e os recursos técnicos exigidos e disponíveis equilibram o padrão dos projetos. O cineasta sugere uma ênfase maior nessas novas políticas:

- Há que incrementar ainda mais. É dinamizar os pólos, transformando-os em Centros de Apoio à Produção. Devem ser estimulados os circuitos universitários, as mostras de cinema, os cinemas volantes, em suma, formar platéias. O cinema brasileiro recuperou-se e muito bem da evasão de público. Cumprir não permitir que essa evasão continue. A dificuldade do cinema brasileiro é muito mais socio-econômica. Não é nem histórica, nem técnica, nem intelectual. É puramente econômica.

No elenco do "Tijipió" nomes famosos como Roberto Bonfín, Tânia Alves.